

## Aspectos Gerais da Pesca e Comercialização do Camarão-da-Amazônia no Amapá





ISSN 1517-4859  
Dezembro, 2014

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Embrapa Amapá  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

# ***Documentos 83***

## **Aspectos Gerais da Pesca e Comercialização do Camarão-da-Amazônia no Amapá**

*Jô de Farias Lima  
Daniel Montagner*

Embrapa Amapá  
Macapá, AP  
2014

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

**Embrapa Amapá**

Rodovia Juscelino Kubitschek, km 05, nº 2600

Caixa Postal 10

CEP 68903-419 / 68906-970, Macapá, AP

Fone: (96) 4009-9500 / Fax: (96) 4009-9501

www.embrapa.br

www.embrapa.br/fale-conosco/sac

**Comitê Local de Publicações da Embrapa Amapá**

Presidente: *Marcos Tavares-Dias*

Secretário-Executivo: *Aderaldo Batista Gazel Filho*

Membros: *Adelina do Socorro Serrão Belém, Eliane Tie Oba Yoshioka, Gustavo Spadotti Amaral Castro, Luís Wagner Rodrigues Alves, Rogério Mauro Machado Alves*

Revisores Técnicos da Embrapa Amapá: *Edyr Marinho Batista*

*Jamile da Costa Araújo*

Supervisão editorial e normalização bibliográfica: *Adelina do Socorro Serrão Belém*

Revisão de texto: *Úrsula Stephanie Ferreira de Souza*

Editoração eletrônica: *Fábio Sian Martins*

Foto da capa: *Jô de Farias Lima*

**1ª edição**

Versão eletrônica (2014)

**Todos os direitos reservados.**

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Embrapa Amapá

---

Lima, Jô de Farias

Aspectos gerais da pesca e comercialização do camarão-da-Amazônia no Amapá / Jô de Farias Lima, Daniel Montagner. – Macapá: Embrapa Amapá, 2014.

18 p. : il. -- (Documentos / Embrapa Amapá ; ISSN 1517-4859, 83)

1. Aquicultura. 2. Pesca. 3. Crustáceo. 4. Comercialização. I. Montagner, Daniel. II. Título. III. Série.

CDD (21. ed.) 639.5098116

---

© Embrapa 2014

# **Autores**

## **Jô de Farias Lima**

Biólogo, doutor em Zoologia, pesquisador da Embrapa Amapá, Macapá, AP.

## **Daniel Montagner**

Zootecnista, mestre em Zootecnia, analista da Embrapa Amapá, Macapá, AP.



# Apresentação

O camarão-da-Amazônia é uma das espécies de água-doce mais exploradas e consumidas na região do estuário amazônico. Sua exploração, ainda que seja uma atividade artesanal, vem aumentando rapidamente nos últimos anos e se intensificando, ocasionando a redução de estoques naturais em várias regiões do estuário, incluindo áreas produtoras no Amapá e Pará.

É visível a importância deste crustáceo para populações tradicionais do estuário amazônico, que o usa para fins comerciais e de consumo, mas também é de relevância sob o aspecto cultural e social para os ribeirinhos. Apesar disso, as informações sobre a cadeia produtiva, especialmente em relação ao volume produzido e comercializado, ainda são escassas, havendo a necessidade de estudos mais aprofundados.

Nesta publicação, são disponibilizadas informações importantes sobre a pesca e comercialização do camarão-da-Amazônia no Estado do Amapá, com vistas ao incremento do desempenho do setor pesqueiro, à melhoria da renda e da qualidade de vida dos pescadores e extrativistas envolvidos na sua exploração comercial, assim como, subsidiar a elaboração de políticas públicas para o fortalecimento deste seguimento produtivo.

*Jorge Alberto Gazel Yared*  
Chefe-Geral da Embrapa Amapá



# Sumário

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Aspectos gerais da pesca</b> .....	10
<b>Potencial pesqueiro e status de exploração</b> .....	14
<b>Comercialização</b> .....	14
<b>Medidas de manejo para o estuário amazônico</b> .....	15
<b>Algumas recomendações</b> .....	16
<b>Referências</b> .....	17



# Aspectos Gerais da Pesca e Comercialização do Camarão-da-Amazônia no Amapá

---

*Jô de Farias Lima*  
*Daniel Montagner*

## Introdução

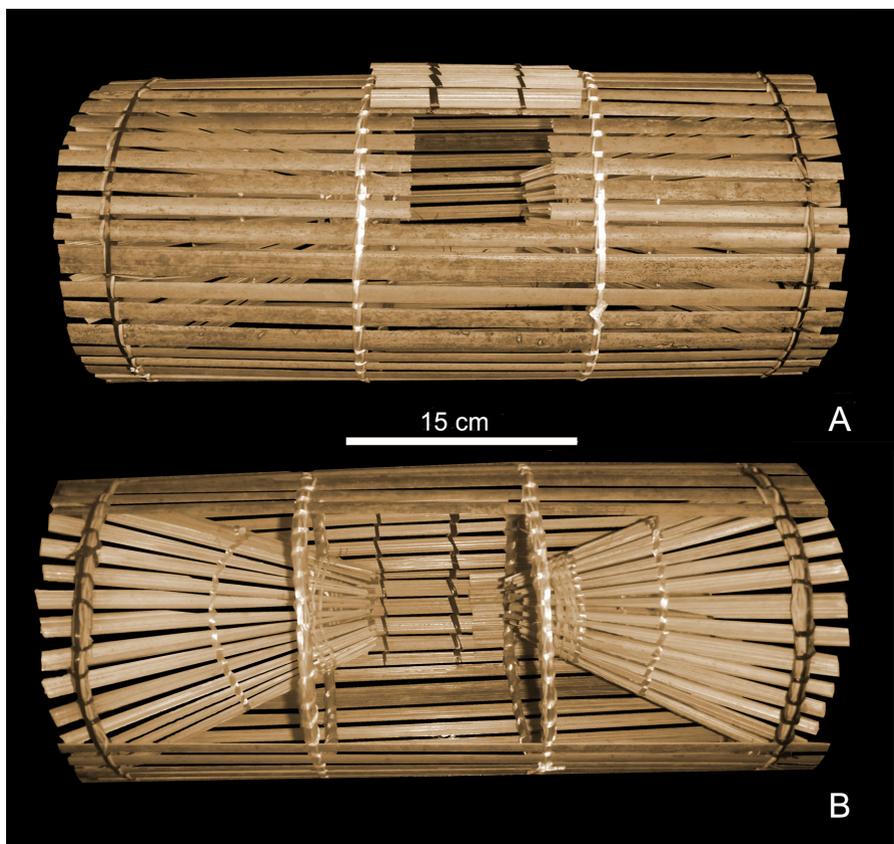
A pesca de camarões de água-doce, que abastece o Estado do Amapá, abrange diversas ilhas localizadas no estuário amazônico, incluindo ilhas dos estados do Pará e Amapá, tendo como o principal porto de desembarque o Igarapé da Fortaleza, localizado no Município de Santana (SILVA; BELLINI, 2003). De acordo com Lima e Santos (2014) o camarão-da-Amazônia *Macrobrachium amazonicum* HELLER, 1862 e o camarão pitu (*Macrobrachium carcinus*) são as espécies de camarão de água-doce de maior interesse econômico para o Estado do Amapá. Sua comercialização ocorre em feiras livres, bares, restaurantes, supermercados e outros pontos comerciais (LIMA; SANTOS, 2014). O camarão-da-Amazônia é de longe a espécie mais explorada comercialmente e de maior importância social, pois, além servir como fonte de renda, tem papel fundamental na dieta de pescadores artesanais e populações ribeirinhas em todo o estuário amazônico (VIEIRA; ARAÚJO-NETO, 2006). O presente trabalho apresenta as primeiras informações sobre a cadeia produtiva de camarões de água-doce no Estado do Amapá e relata, de forma sucinta, aspectos

gerais da pesca e comercialização deste importante recurso, baseado em pesquisas conduzidas pela Embrapa entre 2008 e 2014. Os dados foram obtidos através de aplicação de questionários semiestruturados a pescadores e comerciantes da região, bem como por visitas técnicas em algumas comunidades, órgãos de classe e feiras livres nas cidades de Macapá e Santana, no Amapá.

## Aspectos gerais da pesca

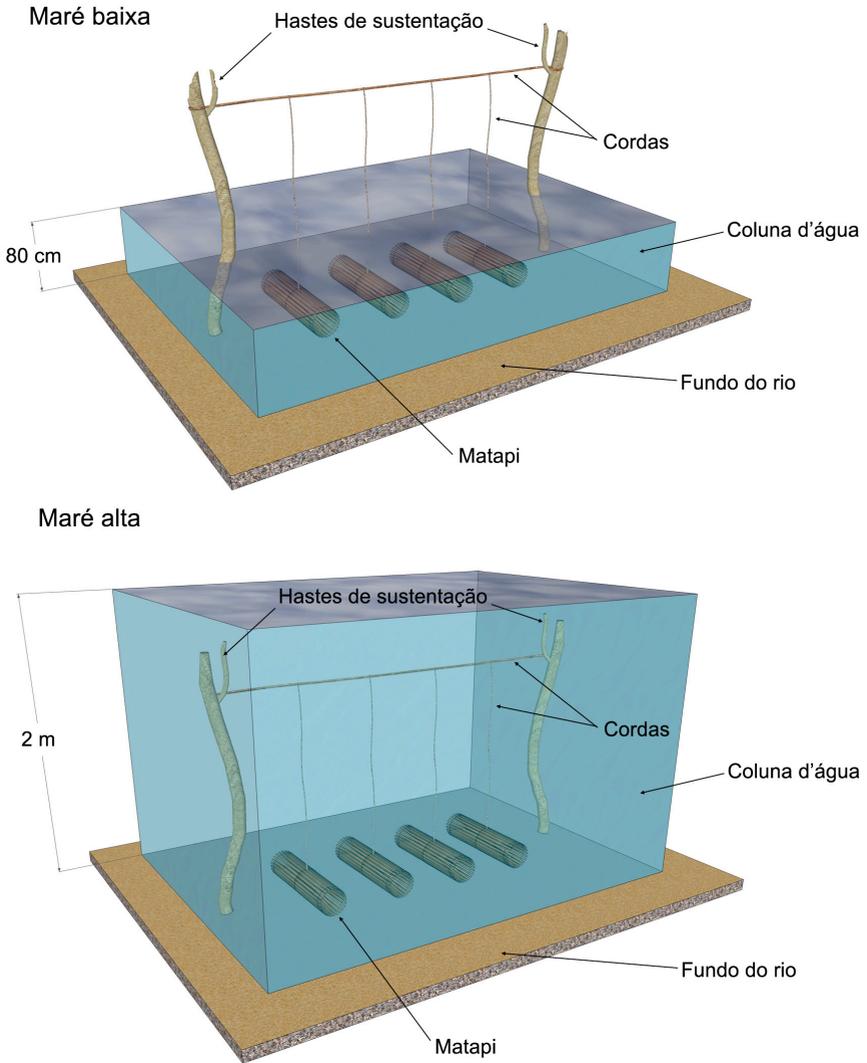
No Estado do Amapá, a pesca de camarões de água-doce é praticada exclusivamente por pescadores artesanais. Além das embarcações utilizadas na pesca serem de pequeno porte, muitas delas não possuem reservatórios de gelo, o que dificulta o transporte e conservação do pescado. Pouquíssimas embarcações possuem capacidade de carga superior a três toneladas, a grande maioria (catraias, voadeiras, montarias e canoas) não alcança uma tonelada. As mulheres e os jovens possuem papel fundamental na pesca do camarão-da-Amazônia, pois ajudam a preparar os petrechos, iscas e a realizar as despescas. O petrecho de pesca mais utilizado na região é a armadilha fixa, conhecida localmente como matapi (Figura 1), entretanto, redes de arrasto, tarrafas e puçás também são utilizados na captura de camarões. O matapi é um tipo de covo de formato cilíndrico, fechado de ambos os lados por um funil, onde entram os camarões. Em sua fabricação, são utilizadas fibras das palmeiras jupati (*Raphia vinifer*), bacaba (*Oenocarpus bacaba*) ou buriti (*Mauritia flexuosa*), além de fibras de cipós da região ou fios de nylon. O tamanho dos matapis varia de 45 a 50 cm de comprimento e de 20 a 30 cm de diâmetro, com entradas oscilando entre 3 e 5 cm, e distância entre talas variando entre 2 e 5 mm (média de 3 mm). A farinha de babaçu (*Orbinya speciosa*) é a isca mais utilizada, entretanto, outros materiais como os frutos de murumuru, inajá, buriti triturados, pedaços de peixe e caranguejos também são utilizados, especialmente na captura do camarão pitu.

A captura dos camarões é feita ao longo do leito dos rios, igarapés e praias próximos à vegetação, onde os matapis são distribuídos paralelamente em uma corda formando um tipo de espinhel, contendo de 10 a



**Figura 1.** Esquema geral dos matapis utilizados na pesca artesanal de camarões de água-doce: vista externa (A); vista interna (B).

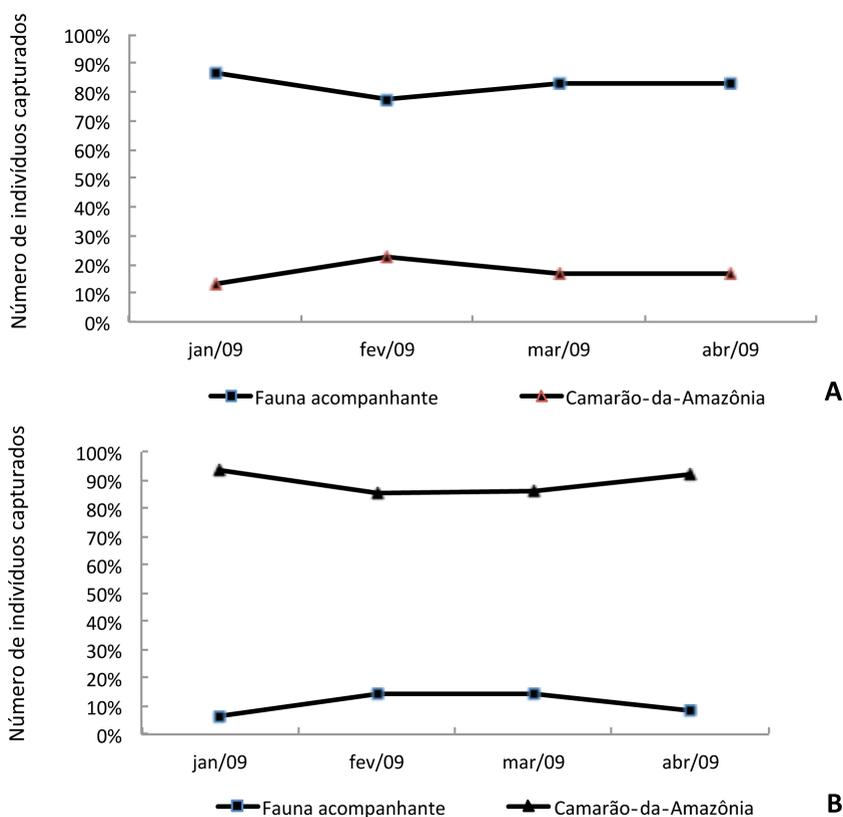
50 matapis (Figura 2). O número de matapis utilizados é variado (5 a 400 unidades) e está intimamente relacionado com o número de membros da família. A despesca ocorre em intervalos de 6, 12 ou 24 horas, dependendo das características do local, maré e do esforço de pesca empregado e podem durar até 2,5 horas, sendo que em cada matapi são obtidos em média 50 g de camarões por captura, porém há registros de até 350 g. Dentre os camarões capturados no matapi, em média 32% deles apresentam comprimento total (medida entre a extremidade anterior do rostró e a porção terminal do telson) menor que 5,5 cm, estando dessa forma abaixo da faixa de comprimento em que se inicia a reprodução.



**Figura 2.** Esquema de distribuição dos matapis na foz do Rio Amazonas: visão em maré alta (A); visão em maré baixa (B).

A pesca com redes de arrasto ocorre, preferencialmente, ao longo de bancos de areia ou praias com vegetação próxima. Os arrastos duram entre 20 e 40 minutos e são efetuados geralmente por duas ou quatro pessoas

a depender do tamanho das redes, que variam de 10 a 20 m de comprimento, 1,5 a 2,0 m de altura e possuem 0,5 a 1,5 cm de diâmetro de malha. Como a maioria dos arrastos com rede são efetuados pelos pescadores sem nenhum tipo de proteção, a ocorrência de acidentes com raízes e troncos submersos é bastante comum. Outro ponto importante a ser abordado é o impacto das redes de arrasto sobre a fauna acompanhante. Comparado aos matapis, o volume de fauna acompanhante capturado nas redes de arrasto (mais de 87%) é extremamente superior ao observado nas capturas utilizando matapis (menos de 6%) (Figura 3A, 3B).



**Figura 3.** Volume de camarões e fauna acompanhante capturados na foz do Rio Amazonas entre janeiro e abril de 2009, em parceria com pescadores locais: captura utilizando rede de arrasto (A); captura utilizando matapis (B).

## Potencial pesqueiro e status de exploração

Estima-se que sete mil famílias atuam diretamente na pesca de camarões. Nas áreas estudadas, o número médio de matapis utilizados é de aproximadamente 100 unidades/família, enquanto em outras áreas do estuário este valor pode chegar a 300 unidades/família. No presente estudo, o rendimento médio por matapi ficou em 55 g, isto é 40 g e 70 g no período de entressafra e safra, respectivamente. Levando em consideração os dados efetivos de captura e o número de famílias envolvidas na pesca, pode-se inferir que a exploração de camarões no estuário amazônico varia entre 7.500 e 13.000 toneladas/ano, gerando uma receita em torno de 100 milhões de reais/ano, incluindo o volume que está sendo utilizado para a alimentação das famílias ribeirinhas e o montante que está sendo direcionado para atender ao comércio regional. O potencial de captura do camarão-da-Amazônia na região do Amapá, apresenta-se bem menor que o observado para algumas regiões do Pará (até 350 g/matapi), e Amazonas (até 200 g/matapi), conforme observações feitas por Odinetz-Colart e Moreira (1993). Comparado-se os dados apresentados no presente estudo com relatos de pescadores da região, que afirmaram ter obtido capturas superiores a 400 g/matapi em décadas anteriores, podemos inferir que o potencial pesqueiro para o camarão-da-Amazônia está consideravelmente afetado na região.

## Comercialização

A maior parte dos camarões que abastecem o Amapá é comercializada em cinco feiras livres em Macapá, e outra, localizada em Santana. Os mesmos são vendidos in natura, cozidos ou salgados, com casca ou sem casca. Na maioria das feiras livres, os comerciantes vendem o camarão sem fazer seleções, no entanto, alguns classificam o camarão em até três classes de tamanho: miúdos, médios e graúdos. Os camarões miúdos estão distribuídos entre 3 e 6 cm de comprimento, os médios estão distribuídos entre 6 e 9 cm, enquanto os grandes apresentam tamanhos acima de 9 cm. Na maioria das feiras livres, em Ma-

capá e Santana, os comerciantes mencionam o período entre janeiro a junho (chuvoso) como o menos produtivo, enquanto o período de julho a dezembro (seco) é considerado o mais produtivo ou de safra.

Os preços médios de venda dos camarões praticados nas feiras livres de Macapá e Santana variam de acordo com o tipo de processamento, tamanho e época do ano. Em todas as feiras livres os preços mostram-se mais baixos no período de safra, devido ao elevado volume de oferta. Em Macapá, os preços no período de safra variam de R\$ 5,00 a R\$ 18,00 reais em média, enquanto que no período de entressafra os preços médios aumentam bastante e variam de R\$ 8,00 a R\$ 25,00 reais. Apesar dos preços relativamente elevados nas feiras livres de Macapá, entre 2010 e 2014 a renda média de 92% dos pescadores mostrou-se abaixo de um salário mínimo (cerca de R\$ 680,00 reais). Outros 6% dos pescadores entrevistados informaram possuir uma remuneração entre um e meio e dois salários (R\$ 1.020,00 e R\$ 1.530,00) e somente 2% dos entrevistados mencionaram obter uma renda superior a três salários mínimos (acima de R\$ 2.000,00), o que indica que o pescador é o elo menos favorecido na cadeia produtiva da pesca artesanal de camarões de água-doce no Amapá.

Entre o pescador e o consumidor final, existem pelo menos três níveis de atravessadores. Os atravessadores de 1º nível estão representados por aquelas pessoas que compram o camarão diretamente dos pescadores nas ilhas e revendem para o consumidor final, já os atravessadores de 2º nível compram o camarão do atravessador de 1º nível nos portos de desembarque e repassam para o consumidor final, enquanto os atravessadores de 3º nível são aquelas pessoas que compram o camarão dos balanceiros e revendem nas feiras diretamente para o consumidor final ou donos de bares, restaurantes e demais comerciantes locais.

## **Medidas de manejo para o estuário amazônico**

Políticas públicas, voltadas para o manejo pesqueiro de camarões de água-doce no estuário amazônico ainda são escassas. Não obstante, al-

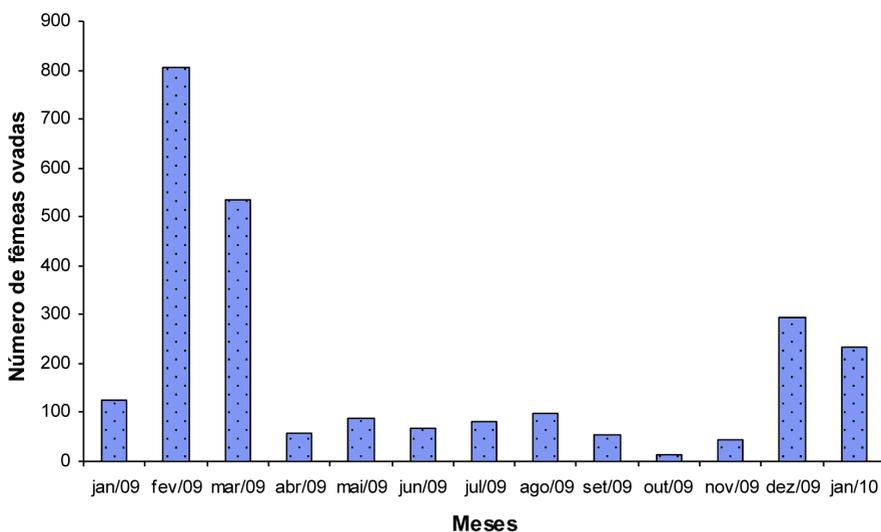
gumas iniciativas desenvolvidas em comunidades têm dado bons frutos. O projeto comunitário “Manejo comunitário de camarões” desenvolvido na localidade Ilha das Cinzas, no Município de Gurupá, PA, alcançou resultados satisfatórios do ponto de vista ambiental e econômico (PINTO, 2005; PINTO; MOREIRA, 2005). Através do estabelecimento de um acordo de pesca na área de abrangência do Município de Gurupá, PA, foram definidos o período de 1º de janeiro a 30 de abril como o defeso do camarão-da-Amazônia; número máximo de 70 matapis por família; utilização de matapis com um espaçamento mínimo de 0,5 cm entre talas; padronização dos viveiros com 1cm de espaçamento entre malhas ou tábuas; proibição de utilização de redes de lanço na pesca do camarão; entre outras questões relevantes para a comunidade local (SOUSA et al., 2011). Apesar das visíveis contribuições obtidas no projeto “Manejo comunitário de camarões”, mais de 90% dos ribeirinhos ainda utilizam as práticas tradicionais de pesca, que incluem o uso de matapis e tanques para armazenamento com malha entre 2 a 3 mm, além da captura indiscriminada durante o período de reprodução dos animais.

## **Algumas recomendações**

Não obstante o relevante avanço obtido na Ilha das Cinzas com o projeto Manejo comunitário de camarões, dados de captura obtidos na Ilha de Santana, Ilha Rasa, Ilha Pequena e Mazagão Velho, em parceria com pescadores da região demonstram que 15 a 25% dos camarões capturados através de matapis com malhas até 5 mm (0,5 cm), são jovens, no limite de primeira maturação (4,5 cm a 60 cm). O que denota a necessidade de ampliação das frestas para o escape dos jovens e, para isso, recomendamos a fabricação de matapis contendo abertura de malhas entre 8 mm a 10 mm, além da construção de tanques com similar abertura de malha.

Conforme observados em amostras obtidas entre janeiro de 2009 e janeiro de 2010 na Ilha de Santana, Ilha Rasa, Ilha Pequena e Mazagão Velho, foz do Rio Amazonas, a reprodução do camarão-da-Amazônia, ocorre em todos os meses do ano, com picos claros no período entre dezembro e março (Figura 4), o qual deve ser recomendado para que se instale o

defeso, similarmente ao acordo de pesca estabelecido na Ilha das Cinzas, Gurupá-PA (SOUSA et al., 2011). Além do período de defeso, seria interessante que as autoridades municipais, estaduais e federais, que cuidam do meio ambiente, estabelecessem como tamanho mínimo de captura a medida de 7,0 cm, tomando como base o tamanho de maturação da espécie. Tal medida resultaria em aumento considerável no número de animais em reprodução, e conseqüentemente aumento no número e tamanho dos camarões capturados posteriormente, gerando mais renda para pescadores e comerciantes, além de maior satisfação para os consumidores, os quais poderão adquirir produtos de melhor qualidade.



**Figura 4.** Volume de fêmeas ovígeras, coletadas entre janeiro de 2009 e janeiro de 2010, no projeto “Manejo sustentável de *Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862) e *Macrobrachium carcinus* (Linnaeus, 1758) (Crustacea, Decapoda) na foz do Rio Amazonas”.

## Referências

LIMA, J. de F.; SANTOS, T. dos S. Aspectos econômicos e higiênico-sanitários da comercialização de camarões de água doce em feiras livres de Macapá e Santana, Estado do Amapá. **Biota Amazônia**, Macapá, v. 4, n. 1, p. 1-8, 2014.

ODINETZ-COLLART, O.; MOREIRA, L. C. Potencial pesqueiro de *Macrobrachium amazonicum* na Amazônia Central (Ilha do Careiro): variação da abundância e do comprimento. **Amazoniana**, Manaus, v. 12, n. 3-4, p. 399-413, dez. 1993.

PINTO, J. Manejo comunitário de camarões de água doce por ribeirinhos na Amazônia. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 10-13, dez. 2005.

PINTO J.; MOREIRA, T. **Manejo comunitário de camarões**. Manaus: ProVárzea: Ibama, 2005. 26 p.

SILVA, L. M. A.; BELLINI, A. C. A. A pesca do camarão regional *Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862) na foz do Rio Amazonas (Arquipélago Bailique). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA DE PESCA, 13., 2003, Porto Seguro. **Resumos...** Porto Seguro: ABEP; 2003. 1 CD-ROM.

SOUSA, R. da P.; MIRANDA, K. F.; FREIRE, J. S. (Org.). **Manejo comunitário de camarões e sua relação com a conservação da floresta no estuário do Rio Amazonas: sistematização de uma experiência em Gurupá-PA**. Belém, PA: Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2011. 76 p.

VIEIRA, I. M. **Bioecologia e pesca do camarão *Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862) no Baixo Rio Amazonas** – AP. 2003. 153 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Brasília, DF.

VIEIRA, I. M.; ARAÚJO-NETO, M. D. Bioecologia e pesca do camarão *Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862) no Baixo Rio Amazonas - AP. Boletim do Laboratório de Hidrobiologia, São Luiz, v. 19, n. 1, p. 85-94, 2006.





Ministério da  
Agricultura, Pecuária  
e Abastecimento



CGPE 11795